

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL


Montepio
Associação Mutualista

Apoia

DE WILLIAM SHAKESPEARE ENCENAÇÃO RICARDO NEVES-NEVES

NOITE DE REIS

COPRODUÇÃO TEATRO DA TRINDADE INATEL, TEATRO DO ELÉCTRICO, CINETEATRO LOULETANO,
CONVENTO SÃO FRANCISCO E CULTURPROJECT

Escrita, supõe-se, por volta de 1601, *Noite de Reis* é uma das comédias mais celebradas de William Shakespeare (1564-1616), sendo também uma das mais representadas um pouco por todo o mundo. Este maravilhoso jogo shakespeariano, que se desenvolve em torno da ideia de identidade, resulta numa comédia insana, por vezes violenta, cheia de graça e riso fácil, mas simultaneamente melancólica e poética. Brinca-se – no melhor uso do termo – com tipos-sociais e identidade de género, e com a ofensa, a mentira e a determinação, tornando-se por isso (não só, mas também) uma peça intemporal e parte de um léxico universal, que nos marca de forma indelével.

Seria possível continuar a falar deste texto dramático e do seu contexto, mas em boa verdade, importa olhar o tipo de objetos que continua a produzir, sem nos darmos conta. No trabalho de descoberta e de construção de uma dramaturgia, mesmo recorrendo a um texto com mais de 400 anos, reside a possibilidade que este nos oferece de podermos trilhar caminhos novos, com sinais e aspetos que dão sentido a um todo. O texto funciona como espelho da sociedade em que vivemos, sujeito a várias interpretações, mas que nos mostra como não somos assim tão diferentes daqueles que viviam na época em que foi concebido. Somos, afinal de contas, feitos da mesma carne e das mesmas fraquezas.

Num aspeto essencial, a peça fala de amor e da sua relação com a música. É um lugar-comum, facilmente entendido por todos: quando sofremos de amor, há sempre uma dor que é amparada pela música. Enterramo-nos mais no sofrimento com a ajuda de uma canção ou vivemos uma grande paixão à qual associamos uma música. No reino de Ilíria, é o amor ao sabor da música que acerta a trama entre o duque de Orsino, Olívia, Cesário (na verdade, Violeta) e o seu irmão gémeo Sebastião. E é também isso que a torna transformadora aos nossos olhos, com ou sem finais felizes no horizonte das relações que estabelecemos ao longo da vida.

As figuras mitológicas de Apolíneo e Dionisíaco levam-nos também a entender melhor o que vemos em palco – regressando às reflexões de Nietzsche. Não se trata apenas de um engenhoso dispositivo cénico ou textual, como aquele que foi concebido pelo encenador Ricardo Neves-Neves e a sua equipa. Qualquer um dos tradutores (ou encenadores) de Shakespeare entende

que é preciso mais do que aproveitar apenas uma potência de literalidade presente nas palavras do autor. Há naturezas e prostrações que são diferentes. Deve restar o equilíbrio – entre o princípio da razão e o princípio que representa o caos e a paixão – na hora de interpretar (ou traduzir), mas também reforçar o poder sedutor de levar qualquer um de nós a imaginar para além do que se mostra.

A propósito disso mesmo, não é possível deixar de fora os ecos de contemporaneidade que surgem nesta *Noite de Reis*. Há uma imagem que não deixa de me pairar na cabeça, após algumas conversas com o seu encenador, que explica o desenho da sua arquitetura: “O que digo aos atores é: imaginem que o espetáculo é feito por um extraterrestre que esteve a observar humanos e quando regressa vai contar como é que eles vivem. Só que ele esteve na Terra mil anos e viu que andávamos a cavalo, de mota... e mistura aquilo tudo. Não especifica de que época são as motas ou uma bomba de asma. Quando isto se reproduz gera-se má informação, quase propositada, mas que me dá gozo. Depois, há que levantar a questão: porque é que vamos fazer a *Noite de Reis* pela milésima vez? E a resposta é: primeiro, porque o teatro é efémero e, depois, porque mesmo que integre a natureza do tempo em que foi escrita, também pode e deve integrar a natureza da nossa experiência.”

É possível dizer que Ricardo Neves-Neves é um encenador alienígena? Se sim, isso faz desta peça (e de outras que criou) uma espécie de OVNI? Gosto da imagem. Confirma uma ideia que já tinha desde que vi pela primeira vez algumas das suas criações: nada é normal; e nem sequer me atrevo a dizer que existe qualquer coisa a que se possa associar uma ideia de normalidade. Acima de tudo, a crença de que não há objetos intocáveis, aos quais não seja possível acrescentar leituras ou mecanismos que os fazem um pouco mais próximos de nós. A produção desta *Noite de Reis* escolhe fazê-lo com sofisticação e um elenco de atores apenas composto por homens – afinal no tempo de Shakespeare o acesso do palco era vedado às mulheres por ser entendido como lugar de pecado – mas até nisso acrescenta uma importante camada de reflexão, desde logo pela atração por uma ideia de androgenia que pairava na época e de uma inclinação homoerótica que está plasmada na sua escrita.

Noite de Reis repõe a comédia como género que nasce como fruto da sensibilidade e inteligência, das nossas emoções e do nosso lado racional, que vale e marca por si só. A peça relança a importância de termos o riso nas nossas salas de teatro. Um riso audível e legítimo, pontuado de inteligência e proveniente de um espetador que sabe ler e refletir. Que se sabe olhar ao espelho, pois claro. Esse olhar narcísico, mas também autorreflexivo, começa agora – para bem dos nossos pecados.

Ricardo Ramos Gonçalves
Jornalista
janeiro, 2023

(Este texto foi escrito a partir de uma entrevista ao encenador)



Uma das comédias mais populares de Shakespeare, *Noite de Reis* é um tesouro de ambivalência tragicômica no seu *chiaroscuro* constantemente revelado na própria escrita. Um retrato simples e cômico e por vezes profundo e existencial, personificado pelas trocas de identidade, disputas amorosas, constantes folias e partidas. *Noite de Reis* é uma comédia sobre o amor. No reino de Ilíria, o duque Orsino está apaixonado por Olívia, que não o ama. Uma jovem mulher, Violeta, chega a Ilíria levada pelo mar após um naufrágio. Ela tem um irmão gêmeo, Sebastião, o qual ela acredita que morreu afogado no naufrágio. Violeta disfarça-se de homem, muda o seu nome para Cesário e encontra trabalho como mensageiro de Orsino. O trabalho de Violeta é mandar mensagens de amor de Orsino para Olívia. Olívia, apaixonada por Cesário (Violeta), achando que ela é um homem. Violeta apaixonada por Orsino, mas não pode revelar seu amor por ele, pois Orsino acha que ela é Cesário, um homem. Cria-se, assim, uma tempestade amorosa.



FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

De **William Shakespeare**

Encenação **Ricardo Neves-Neves**

Com **Adriano Luz, António Ignês, Cristóvão Campos, Dennis Correia, Filipe Vargas, João Tempera, José Leite, Luís Aleluia, Manuel Marques, Marco Delgado, Rafael Gomes, Renato Godinho e Ruben Madureira**

Direcção musical **Mrika Sefa**

Ensemble **Ana Cláudia Santos** (Flauta), **Eliana Lima** (Trompa e Acordeão), **Filipa Portela** (Soprano e Alaúde), **Helena Silva** (Violino), **Isabel Cruz Fernandes/Beatriz Ventura** (Soprano), **Juliana Campos** (Fagote e Canto), **Madalena Rato** (Percussão), **Mrika Sefa** (Teclados), **Rita Nunes/Nádia Anjos** (Saxofone), **Sofia Gomes/Teresa Soares** (Violoncelo), **Rita Carolina Silva** (Mezzo)

Versão dramaturgica **Ricardo Neves-Neves**

Figurinos **Rafaela Mapril**

Cenografia **Ana Paula Rocha**

Desenho de luz **Cristina Piedade**

Coreografia **Rita Spider**

Caracterização e perucas **Dennis Correia**

Sonoplastia **Sérgio Delgado**

Vídeo **Eduardo Cunha**

Ilustrações **José Cruz**

Fotografia cartaz e spot TV **Pedro Macedo/Framed Films**

Fotografias de cena **Adriano Filipe, Estelle Valente e Pedro Macedo**

Vídeo promocional **Eduardo Breda**

Assistência de encenação **António Ignês, Juliana Campos e Rita Carolina Silva**

Apoio à dramaturgia **Rita Carolina Silva**

Assistente de figurinos **Elisabete Guerreiro**

Assistente de guarda-roupa **Inês Oliveira**

Construção de adereços **Lea Managil e Marisa Fernandes**

Confeção figurinos **Ana Baltar, Ana Santos, Ana Margarida Vieira, Cláudia Monteiro, Isabel Telinhos,**

Maria Afonso e Patrícia Margarida Silva

Assistentes de cenografia **Carolina Mendes e Ricardo Varela**

Assistentes de cena **Carolina Gonçalves, Inês Oliveira, Marco Santos e Ricardo Varela**

Assistente de caracterização **Marco Santos**

Direção de cena **Rosário Vale**

Técnicos de luz **Hugo Cochat e Pedro Gonçalves**

Técnico de som **Antonio Pinto**

Técnico de microfones **Pedro Baptista**

Técnicos de palco **Pedro Viegas, Paulo Morais, Carolina Gonçalves, Inês Oliveira, Marco Santos e Ricardo Varela**

Comunicação e assessoria de imprensa TdE **Mafalda Simões**

Produção TdE **Andreia Alexandre**

Produção Culturproject **Nuno Pratas**

Assistente estagiária de comunicação TdE **Ana Caetano**

Assistente produção TdE **Eliana Lima**

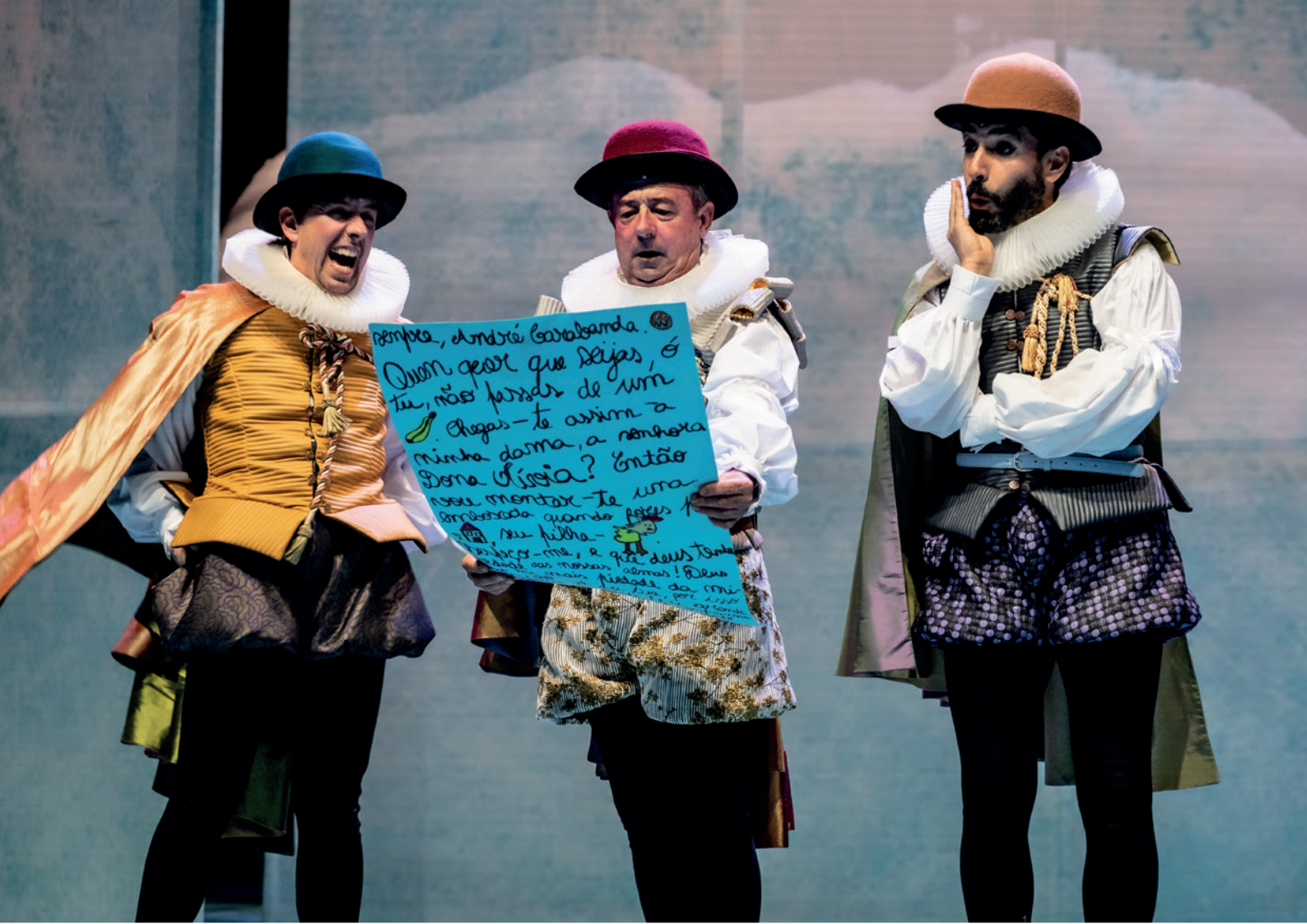
Coprodução **Teatro da Trindade INATEL, Teatro do Eléctrico, Cineteatro Louletano, Convento São Francisco e Culturproject**

Apoios ao espectáculo **Montepio Associação Mutualista, Antena 2, Fundação das Casas Fronteira e Alorna, Pecosita Pepito, Roca, Rumo do Fumo, Stannah, Watt e Electric Moving**

M14

Duração 120 min.





www.teatrodoelectrico.com



M14
2023

© Pedro Macedo Framed Photos